



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Verdadeiros e falsos médiuns

Extraídos da obra

Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade

Vimos, nos capítulos anteriores, que os sábios que procuram classificar numa mesma categoria os médiuns e os histéricos só podem fazê-lo forçando-lhes as analogias além de todos os limites permitidos. Foi-nos possível constatar também que, somente por negligenciarem sistematicamente todos os fatos que não se enquadram nas suas teorias, é que se vangloriam de ter dado uma explicação científica para a mediunidade. Mas, se a insuficiência dessas demonstrações é evidente, não significa que não tenhamos assistido a experiências interessantes relacionadas à escrita automática, e que talvez possam servir-nos para compreender os fenômenos da pseudomediunidade, como às vezes se verificam nas sessões espíritas.

Constatamos que um indivíduo que parece perfeitamente acordado, que conversa com os assistentes, ao mesmo tempo escreve, sem perceber, e, por essa operação, evidencia que uma parte da sua inteligência tornou-se estranha ao eu normal. Sabemos perfeitamente que nisso há apenas o efeito de uma sugestão pós-hipnótica, ou feita durante o estado de distração, mas com a repetição dos mesmos exercícios, vimos surgir uma

associação ídeo-orgânica, produzindo em seguida, espontaneamente, atos de automatismo gráfico. É aqui que a comparação com o que se passa nas sessões espíritas torna-se possível. Trata-se de saber se um indivíduo normal, sob a influência de uma forte emoção, de uma idéia fixa, ou de um desejo ardente, consegue chegar a produzir em si uma mudança análoga. Não devemos deixar-nos levar pelo medo de parecer que damos armas aos nossos adversários, ou de provocar confusão entre os investigadores pouco habituados a tais pesquisas; o que importa, antes de mais nada é a verdade, e para encontrá-la nada devemos poupar. Apressamo-nos a acrescentar que o verdadeiro fenômeno espírita nada tem a temer do exame atento que nos é recomendado pelos mais autorizados autores que escreveram sobre essas matérias.

Desde que se propagou no mundo inteiro, o espiritismo conquistou adeptos em todas as classes sociais. Mas, apesar da sua diversidade, é fácil dividir esses adeptos em duas categorias bem distintas: de um lado, os que, embora persuadidos da sua realidade, continuam a estudar os fenômenos para descobrir-lhes as leis, e do outro, os crentes que aceitam cegamente os fatos — porque se convenceram da realidade de alguns deles — sem se perguntar se vez por outra os médiuns, inconscientemente e portanto de boa fé, não seriam seus autores. Lamentamos que, em muitos dos círculos onde as pessoas se dedicam às evocações espíritas, o senso crítico não esteja mais desenvolvido, porque não é raro constatar que as comunicações mecânicas são invariavelmente atribuídas à ação dos espíritos, mesmo quando não revelam qualquer traço de procedência supranormal. Esta falta de discernimento foi uma causa de descrédito para nossa doutrina e prejudicou a propagação do espiritismo nos meios instruídos. Com muita freqüência as mais banais, as mais triviais elucubrações são assinadas por nomes ilustres e são aceitas sem pestanejar pela ignorância crassa daqueles que acreditam indistintamente na autenticidade de tudo que é escrito pelos pseudomédiuns.

É somente assegurando-nos, por uma análise minuciosa do seu conteúdo, da realidade das comunicações, que evitaremos a invasão de teorias fantasistas geradas pela imaginação dos automatistas e que não correspondem a nada de real. Não devemos duvidar de que uma severa investigação nos livre de uma enorme quantidade de documentos

equivocos e de pretensas provas, que servem apenas para sobrecarregar inutilmente a bagagem espírita, e submergem informações preciosas num dilúvio de palavreados sem valor. Muitas supostas revelações merecem ser jogadas no cesto do lixo, porque não passam de pobres e insípidas baboseiras. Às vezes, mesmo, essas produções dão provas de uma ignorância científica absoluta e contêm afirmações falsas, que podem ser descobertas tão logo as examinemos. Todos esses casos, apontados desde a origem das manifestações espíritas, foram atribuídos a espíritos farsantes, que se divertiam mistificando seus ingênuos correspondentes. É certo que essa explicação é às vezes exata, porque a humanidade supraterrrestre, sendo em grande parte igual à nossa, menos o corpo, contém ainda uma boa quantidade de ignorantes e tolos que não recuam diante de uma brincadeira maldosa; mas há circunstâncias em que se pode reconhecer a influência do próprio médium, e onde a intervenção de uma causa estranha é supérflua para explicar os fatos.

O que afirmamos está em absoluta concordância com o ensinamento espírita em todos os países; se as pessoas deixaram de considerá-lo, a culpa não cabe aos nossos instrutores, mas aos adeptos que não lêem bastante seus mestres.

Os ensinamentos espíritas

Eis aqui, efetivamente, como Allan Kardec trata desse ponto especial no seu *O Livro dos Médiuns*: (1)

(1) Kardec, Allan, *o Livro dos Médiuns*, capítulo XIX, item 223.

I. No momento em que exerce sua faculdade, o médium se encontra num estado perfeitamente normal? — Às vezes se encontra num estado de crise, mais ou menos acentuado. É o que o fatiga, e é por isso que precisa de repouso. Geralmente, porém, seu estado não difere sensivelmente do estado normal, principalmente quando se trata de médiuns escreventes.

É certo que para esse gênero de manifestação o dispêndio nervoso é pouco considerável, quando o hábito de escrever está estabelecido. O mesmo não ocorre com relação aos efeitos físicos, que são sempre acompanhados de grande consumo de energia nervosa.

II. As comunicações escritas ou verbais podem provir também do próprio Espírito encarnado no médium?

— A alma do médium, como a de qualquer outra pessoa, pode comunicar-se; goza de um certo grau de liberdade, ela recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso na alma de pessoas vivas que vêm visitar-vos, e que muitas vezes se comunicam convosco por escrito, sem que as chameis. Por que, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, há alguns que estão encarnados na Terra; então eles vos falam como Espíritos e não como homens. Por que não aconteceria o mesmo com o médium?

Esta explicação não parece confirmar a opinião dos que acham que todas as comunicações emanam do Espírito do médium e não de Espíritos estranhos?

— Eles só estão errados por serem categóricos; está provado que o Espírito do médium pode agir por conta própria, mas isso não é razão para que outros não atuem igualmente por seu intermédio.

III. Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium, ou um Espírito estranho?

— Pela natureza das comunicações. Examinai as circunstâncias e a linguagem e distinguireis. É principalmente no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então se acha mais livre; no estado normal é mais difícil. Aliás, há respostas que é impossível atribuir-lhes. Por isso vos recomendo: estudai e observai.

Temos, nessa última frase, o critério necessário para verificar, entre os que escrevem mecanicamente, a diferença entre um verdadeiro médium e quem não o é. O verdadeiro médium fornece provas de conhecimentos que ele não pode ter adquirido normalmente. Por exemplo, dá informações exatas sobre mortos cuja existência ele ignora completamente; escreve em línguas estrangeiras que nunca estudou; seu estilo às vezes está tão acima das suas faculdades que se é forçado a reconhecer a intervenção de uma outra individualidade; também discorre

sobre assuntos científicos que lhe são absolutamente desconhecidos. O automatista, ao contrário, obtém apenas comunicações comuns, que de modo algum superam, tanto em estilo como em inteligência, o que poderia escrever normalmente, e nunca revela fatos desconhecidos relativos a pessoas estranhas com as quais não teve qualquer contato.

Essa distinção também é indicada por Allan Kardec, Revista Espírita de 1865. (2)

(2) Revista Espírita, 1865.

Jamais se deve atribuir aos Espíritos — diz uma comunicação — refiro-me aos Espíritos elevados, esses ditados sem fundos nem forma que à sua nulidade somam o ridículo de serem assinados por nomes ilustres. A mediunidade séria só aborda cérebros providos de instrução suficiente, ou pelo menos provados pelas lutas passionais. Só os melhores médiuns recebem o afluxo espiritual; os outros sentem simplesmente o impulso fluídico material que lhes arrebatam as mãos, sem fazer com que sua inteligência produza outra coisa a não ser o que já continha em estado latente; deve-se encorajá-los a trabalhar, mas não iniciar o público em suas elucubrações.

As manifestações espíritas devem ser efetuadas com grande reserva; e se, para a dignidade pessoal, é indispensável acumular todas as provas de uma perfeita boa fé em torno das experiências físicas, do mesmo modo é importante preservar as comunicações espirituais do ridículo que facilmente se vincula às idéias e aos sistemas assinados ridiculamente por nomes célebres, que são e continuarão sendo estranhos a essas produções. Não discuto a sinceridade das pessoas que, recebendo um choque elétrico, o confundem com a impulsão mediúnica. A ciência tem seus falsos sábios, a mediunidade tem seus falsos médiuns, na ordem espiritual, evidentemente.

Tento estabelecer aqui a diferença existente entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e aqueles que somente agem sob a influência fluídica corporal, ou seja, entre os que vibram intelectualmente e aqueles cuja ressonância física redundam apenas na produção confusa e inconsciente das suas próprias idéias, ou de idéias vulgares e sem importância.

Existe, portanto, uma linha de demarcação perfeitamente nítida entre os

médiuns escreventes: uns que obedecem à influência espiritual que faz com que escrevam somente coisas úteis e elevadas; e os outros, que sofrem a influência fluídica material que atua em seus órgãos cerebrais, como os fluidos físicos atuam na matéria inerte. Essa primeira classificação é absoluta, mas admite uma porção de variedades intermediárias.

Comentando essa comunicação, Allan Kardec diz:

Embora o estudo dessa parte integrante do espiritismo (a mediunidade) esteja longe de ser completo, estamos distantes do tempo em que se acreditava que bastava receber uma impulsão mecânica para considerar-se médium e achar-se apto a receber comunicações de todos os espíritos. O progresso da ciência espírita, que todo dia se enriquece com novas observações, mostra-nos a quantas causas diferentes e influências delicadas, de que não se suspeitava, estão submetidos os contatos inteligentes com o mundo espiritual.

Já em 1855, na América, Jackson Davis dizia: (3)

(3) *The Present Age and Inner Life*.

O espírito humano é tão maravilhosamente dotado, e dispõe de meios tão variados de atividade e de manifestação, que um homem pode, inconscientemente, deixar reagirem sobre ele e dentro dele suas forças orgânicas e suas faculdades cérebro-dinâmicas. Em certas disposições de espírito, as forças conscientes concentradas no cérebro entram em ação involuntariamente e continuam a funcionar sem a menor intervenção da vontade e sem serem sustentadas por ela.

Na sua bem documentada obra, Aksakof (4) não somente atribui muitos fenômenos espíritas à consciência sonambúlica do médium, mas ele prova que, em muitos casos, essa origem é evidente. Hudson Tuttle, célebre médium americano e escrevente intuitivo, também insistiu quanto à procedência humana de muitas mensagens espíritas. Finalmente, o sr. Metzger (5) também chama nossa atenção para as causas de erros que podem adulterar as comunicações, e exorta os espíritas a estudarem os fenômenos do magnetismo, da clarividência e da telepatia antes de acreditarem cegamente que tudo que nos chega pelo canal daqueles a quem chamamos médiuns vem necessariamente de espíritos desencarnados.

(4) Aksakof, Animisme et Spiritisme, p. 273 e segs.

(5) Metzger Essai de Spiritisme Scientifique, p. 203.

Vemos, portanto, que os sábios que nos acusam de falta de discernimento, fazem julgamentos temerários quanto a nós; e quando nos ensinam doutoralmente que o espírito do automatista é o único autor das suas elucubrações, expõem-se ao ridículo de descobrir a América depois de Cristóvão Colombo. **Fim**